

**OS GÊNEROS TEXTUAIS APONTADOS PELA BNCC
COMO ADEQUADOS A TRABALHAR A VARIAÇÃO
LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA**

Elizângela G. Quintana Gonçalves (UFT)

quintanaelizangela@gmail.com

Paulo Cezar Rodrigues (UFG)

paulo.cezarrodrigues@uft.edu.br

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo verificar como o ensino de variação linguística por meio de gêneros textuais é proposto no documento BNCC – Base nacional Comum Curricular (2017). Entende-se que a pluralidade linguística é conferida aos estudos da variação linguística que tem como meio de acesso os gêneros textuais adequados aos contextos sociocomunicativos. Nessa esteira, a pesquisa visa identificar no documento qual conteúdo de língua portuguesa é propício para o trabalho com o ensino da variação linguística e quais gêneros textuais favorecem o ensino desse conteúdo. Pretende-se identificar na BNCC (2018) em que ano do Ensino Fundamental o estudo da variação linguística ocorre. Para tanto, além dessa investigação, revisitamos os conceitos e contribuições de pesquisadores, como Alkmim (2001), Mollica (2003), Bagno (2008), Bortoni-Ricardo (2004), sobre Sociolinguística e variação linguística, e de autores que tratam sobre gêneros discursivos/textuais, tais como: Bakhtin e Volochinov (2004), Brait (2012); Marcuschi (2008); Bazerman (2006) e Machado, (2005). A metodologia é a pesquisa bibliográfica e documental de natureza descritiva e interpretativa com abordagem qualitativa. Por meio da investigação constatou-se que o estudo da variação linguística nos anos finais (6º ao 9º) do Ensino Fundamental está presente na BNCC como um dos seis objetivos que servem de base para educação básica. E apontam alguns gêneros textuais (contos, mitos, novelas, biografias romaneadas, crônicas e etc.) que podem ser trabalhados. E deve ser praticada a “Análise linguística/semiótica” voltadas para a habilidade de reconhecimento das variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito.

Palavras-chave:

Gêneros textuais. Variação Linguística.
Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

ABSTRACT

This research aims to verify how the teaching of linguistic variation through textual genres is proposed in the document BNCC - Common National Curricular Base (2017). It is understood that linguistic plurality is conferred to studies of linguistic variation that have as their means of access the textual genres appropriate to socio-communicative contexts. Accordingly, the research aims to identify in the document which Portuguese language content is conducive to work with the teaching of linguistic variation and which textual genres favor the teaching of this content. It is intended to identify in the BNCC (2018) in which year of elementary school the study of linguistic variation occurs. Therefore, besides this investigation, we revisit the concepts and

contributions of researchers, such as Alkmim (2001), Mollica (2003), Bagno (2008), Bortoni-Ricardo (2004), about Sociolinguistics and linguistic variation, and authors who deal with discursive / textual genres such as: Bakhtin and Volochinov (2004), Brait (2012); Marcuschi (2008); Bazerman (2006) and Machado (2005). The methodology is the bibliographic and documentary research of descriptive and interpretative nature with qualitative approach. Through research it was found that the study of linguistic variation in the final years (6th to 9th) of elementary school is present in the BNCC as one of the six objectives that serve as the basis for basic education. And they point out some textual genres (stories, myths, novels, novels, chronicles, etc.) that can be worked on. And should be practiced the “Linguistic / Semiotic Analysis” focused on the ability to recognize the varieties of spoken language, the concept of standard norm and prejudice.

Keywords:

**Linguistic Variation. Textual genres.
Common National Curriculum Base (BNCC).**

1. Introdução

De acordo com os estudiosos sobre gêneros textuais e variação linguística, respectivamente, tais como, Brait (2012), Marcuschi (2008), Alkmim (2001), Mollica (2003), Bagno (2008) e Bortoni-Ricardo (2004), as diversas pesquisas desenvolvidas nos últimos tempos têm destacado a importância dessas temáticas em âmbito educacional, especificamente quando se trata do ensino fundamental entre os anos letivos de 6^a ao 9^a.

Assim, considerando a importância de se realizar uma reflexão sobre estas duas temáticas, a explanação do presente trabalho buscou primordialmente responder as seguintes questões: Quais gêneros textuais a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aponta para se trabalhar a variação linguística em sala de aula? E, também, que contribuições podemos ter a partir dessa relação: gêneros textuais e variação linguística com base nos fundamentos da BNCC referente aos anos finais do ensino fundamental?

O presente estudo reflexivo não tem a pretensão de esgotar o assunto, em função de sua complexidade e profundidade, mas sim destacar conceitos e pensamentos que possam de forma direta ou indireta, contribuir para uma melhor compreensão por parte tanto daqueles que se interessam por esses temas como e essencialmente para os professores de Língua Portuguesa e pesquisadores destas áreas.

O trabalho constituiu-se basicamente de três seções dentre as quais a primeira teceu considerações gerais sobre a ciência Sociolinguística e o ensino da variação linguística; na segunda dissertou-se quanto

aos conceitos e concepções sobre os gêneros textuais e na terceiraseção é que se realizou discussão sobre os apontamentos contidos na BNCC. A partir das discussões apresentadas foram tecidas algumas considerações críticas e reflexivas a que a presente pesquisa permitiu-nos apontar.

2. Sociolinguística

A Sociolinguística, que é considerada uma área da Linguística, fixou-se como ciência em 1964, em um congresso organizado por William Bright na Universidade da Califórnia, em Los Angeles (UCLA). O objeto de estudo é a língua falada, observada, descrita e analisada em situações reais de uso, considerando o contexto social (ALKMIM, 2001).

Toda língua é constituída por variedades, tornando-se possível, dessa forma, analisá-la como sendo heterogênea. Alkmim (2001, p 31) diz que “língua e variação são inseparáveis”, e que a Sociolinguística não considera a variedade linguística como um problema, mas sim, como uma qualidade distintiva do fenômeno linguístico.

A afirmação anterior da autora nos leva a perceber a relevância de se trabalhar com base na sociolinguística a variação linguística em sala de aula, visto que, sendo a língua estudada em suas situações reais de uso e observado o seu contexto social, tais formas fazem com que o aluno tenha a possibilidade de adquirir uma visão mais consistente sobre o funcionamento da sua língua materna e das adequações necessárias a se fazer conforme os diferentes contextos de utilização.

Na obra *Introdução à Linguística* (2005, p. 41), Alkmim acrescenta que: “toda língua é adequada à comunidade que a utiliza, é um sistema completo que permite a um povo exprimir o mundo físico e simbólico em que vive.”. Nesse sentido, o pensamento da autora nos permite refletir acerca da necessidade de se reconhecer e passar a trabalhar em sala de aula as diferentes formas de expressão da língua, os diversos falares, as diversas línguas advindas das distintas comunidades encontradas por meio dos alunos em sala de aula. Sob essa perspectiva, a gramática normativa é “dessacralizada”, não sendo mais vista como a única e adequada variedade da língua.

Alkimim (2005) também afirma que a Sociolinguística apreende a variação linguística como uma hipótese essencial, que orienta e sustenta a observação, a descrição e a interpretação do comportamento linguístico. As distinções linguísticas, constatadas nas comunidades, em geral,

são observadas como dado essencial ao fenômeno linguístico. Assim como Alkmin (2001), Mollica (2003) afiança que:

A sociolinguística é uma subárea da linguística que estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo. (MOLLICA, 2003, p. 09)

As autoras referenciadas consideram a Sociolinguística como sendo a responsável pelo estudo da língua em uso dentro das comunidades. Nesse sentido, Mollica (2003) considera todas as línguas heterogêneas por apresentarem um dinamismo próprio. E expõe a diversidade linguística, como sendo o objeto de estudo da Sociolinguística. O objeto de estudo é analisado como um princípio geral e universal, passível de ser descrito e avaliado cientificamente.

Outro autor renomado nos estudos sociolinguísticos, Marcos Bagno (2008), aponta que é necessário que entendamos que a língua passa por modificações no decorrer do tempo, e este fato nos direciona a não a estudar como um objeto sem vida, mas que, devemos levar em conta os sujeitos vivos que as praticam. Sob essa perspectiva, revela-se a importância de se trabalhar a variação linguística em sala de aula, a fim de fazer com que os alunos construam uma nova percepção sobre o estudo da Língua Portuguesa, tendo-a como uma língua viva e que faz parte do seu dia a dia e deixe de considerar o estudo da sua própria língua como algo sem sentido, difícil ou desinteressante.

Bagno (2008), em sua obra “Nada na língua é por acaso”, explica que, no final dos anos 90, os documentos oficiais de ensino, tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) e o Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, impulsionaram um avanço quanto à afinidade entre as preocupações do mundo acadêmico em se trabalhar a variação linguística e a realidade em sala de aula destituída dessa prática. Tais motivações aparecem quando o documento PCN (BRASIL, 1998, p. 81 e 82) orientam quanto à necessidade de se trabalhar de forma adequada a variação linguística e, por conseguinte, evitar o preconceito ao ensinar a língua portuguesa nas escolas. Todavia, mesmo com as orientações determinadas nos PCN’s do Ensino Fundamental e do Ensino Médio (BRASIL, 1998, 1999 e 2000) as variedades linguísticas ainda estariam sendo abordadas e trabalhadas de forma superficial, tanto no material didático quanto em sala de aula, e, por vezes, o ensino desse conteúdo não corresponde à realidade. Tal pensamento é corroborado pelo autor:

[...] uma vontade sincera dos autores de combater o preconceito linguístico e de valorizar a multiplicidade linguística do português brasileiro. Mas a falta de base teórica consistente e, sobretudo, a confusão no emprego dos termos e dos conceitos prejudicam muito o trabalho que se faz nessas obras em torno dos fenômenos de variação e mudança. (BAGNO, 2008, p. 119)

Bagno pode ser considerado um dos maiores cientistas de atuação na área dos estudos da sociolinguística e umas das ideias que defende é a de que os professores devem se apegar menos às regras e mais a missão de proporcionar ao aluno o desenvolvimento de sua capacidade de comunicação e argumentação. Assim, a partir das considerações reflexivas sobre a ciência da Sociolinguística, faz-se importante também trazer a lume algumas considerações preliminares sobre a Sociolinguística Educacional, que trata de forma pormenorizada da relevância de se trabalhar a variação linguística e o preconceito linguístico em sala de aula. Tal discussão será construída nas linhas a seguir.

3. Sociolinguística Educacional

A Sociolinguística Educacional, apontada como subárea da linguística, consubstancia-se sobre os diversos fenômenos da variação linguística ocorrida no português brasileiro, além de ater-se as interferências daquela no processo de ensino e aprendizagem da linguagem, especificamente no ensino de Língua Portuguesa. Dentre os diversos estudiosos da corrente teórica da Sociolinguística Educacional está a renomada pesquisadora Bortoni-Ricardo (2004), que acredita e defende que os conhecimentos originários dessa corrente do conhecimento podem contribuir de forma qualitativa para o ensino da Língua Portuguesa, o que por sua vez, deve-se ao fato de que a Sociolinguística Educacional trabalha sobre a realidade linguística dos usuários dessa língua, bem como considera tanto os fatores internos (fonologia, morfologia, sintaxe, semântica), como os fatores externos (sexo, etnia, idade, origem geográfica, situação econômica, grau de escolaridade, histórico, cultura e outros).

As investigações que têm como base a Sociolinguística Educacional apresentam que é factível desenvolver práticas de linguagens que façam sentido para os alunos advindos das classes sociais desfavorecidas e que se sentem falantes de uma outra língua que não o Português. Nessa esteira, Bortoni-Ricardo (2004) nos apresenta uma diferenciação quanto as dificuldades enfrentadas, por esse público, em aprender a Língua Portuguesa. Ademais, explica que os alunos de classes mais abastadas não

apresentam tanta dificuldade, pois além de fazerem uso da variante de prestígio em seus lares, também esta é a que aprendem na escola. Fato este distante da realidade dos alunos pertencentes às classes desfavorecidas, que fazem uso da variante que não é valorizada e nem mesmo é trabalhada na escola. Fato esse que torna esses alunos discriminados por sua forma de falar e pelas dificuldades em aprender a Língua Portuguesa ensinada.

Ainda de acordo com Bortoni-Ricardo (2004) os alunos que apresentam a dificuldade em aprender são tratados como desprovidos de capacidade, enquanto na verdade, os estudos sociolinguísticos têm comprovado que se trata do desconhecimento da escola em relação às variedades linguísticas existentes no Brasil, e usadas por seus alunos em sala de aula. A grande dificuldade está em ainda a língua ser trabalhada como algo inerte, homogêneo, desprovida de qualquer tipo de influências como alguns gramáticos defendem. Contudo, como é reconhecido pelos estudiosos da Sociolinguística Educacional, referenciados ao longo desse trabalho, é fato imarcescível que a língua portuguesa deve ser entendida como organismo vivo, heterogêneo, dinâmico, passível de variação e mudanças, que é influenciada por fatores linguísticos e não linguísticos. Fato que denota que a língua portuguesa jamais será algo pronto e acabado em si mesma.

Com base na concepção da ideia da existência da variação linguística, Bortoni-Ricardo (2004), acredita que o professor deve, ao ensinar os conceitos advindos da sociolinguística, também associá-los a outros conceitos sociais, valores como respeito e a aceitação dos diferentes falares dos alunos. Nesse sentido, a Sociolinguística Educacional apregoa que a prática de ensino e aprendizagem deve ter como objeto de estudo as produções textuais dos próprios alunos, tanto as produções textuais orais como as escritas. Essa nova forma de estudar a língua não significa abandonar os ensinamentos de gramática, pois esta possui o seu valor social e a sua aplicação adequada em contextos também coerentemente contextualizados socialmente. Assim, o que a Sociolinguística Educacional preceitua é que haja uma prática reflexiva sobre os usos das diversas variedades linguísticas presentes no Brasil, nos infinitos gêneros textuais, tanto na forma oral como na escrita, a fim de que os alunos sejam capazes de usar as variedades em contextos diversos e de forma eficiente.

Essa mudança de comportamento frente ao uso da linguagem, acredita-se, trará uma conscientização linguística significativa aos alunos, enriquecerá sobremaneira os seus conhecimentos dialéticos e consequen-

temente acrescerá suas possibilidades linguísticas comunicativas associadas aos contextos de uso variado.

Autores como, Santos e Cavalcante (2000) preceituam que para se efetivar o trabalho com a variação linguística na sala de aula, faz-se necessário partir dos textos produzidos oralmente e escritos pelos alunos. Os autores defendem que por meio desse ponto de partida possa ser desenvolvido a habilidade de retextualização, qualificando inúmeros aspectos textuais dos alunos, inclusive alterando os gêneros.

Conforme Moura (1999), “o ensino de língua pressupõe o conhecimento da realidade linguística dos usuários dessa língua”. Conhecimentos como estes se fazem necessários devido a heterogeneidade linguística existentes no ensino, especificamente nos espaços em que os alunos utilizam variedades linguísticas socialmente discriminadas.

Bortoni-Ricardo (2004) expressa a consciência que tem quanto a inexistência ou carência de serem socializados pelos professores de Língua Portuguesa os conhecimentos sociolinguísticos, bem como esse mesmo tema é pouco debatido na formação dos professores. E que por mais que o ensino da variação linguística tenha passado a ser incluído nas orientações dos PCN (BRASIL, 1997, p. 31) e ratificados na BNCC (BRASIL, 2017, p. 80-6), ainda não está ao alcance dos professores do ensino fundamental trabalhar essa realidade. A autora alerta-nos para a necessidade de que o conhecimento sociolinguístico acumulado ao longo de mais de vinte anos sobre a variação linguística precisa ser expandido dos muros das universidades e se tornar acessível às escolas, salas de aula, capacitação de professores de Língua Portuguesa para que os alunos possam ser beneficiados com a expansão dos conhecimentos linguísticos de forma sistêmica.

Feita esta explanação sobre o estudo da variação linguística com base na Sociolinguística Educacional veremos na próxima seção os conceitos e reflexões sobre os gêneros textuais que podem ser usados como instrumentos a fim de se trabalhar a variação linguística e levar o aluno a também ter domínio sobre os diversos gêneros que podem ser usados com objetivo de ampliar e qualificar a comunicação dos alunos.

4. *Conceitos e reflexões sobre os gêneros textuais*

Na presente seção apresentamos considerações sobre os gêneros textuais no que tange aos conceitos atribuídos, bem como suas contribui-

ções para a formação do alunado. Ainda, de forma simultânea, discutimos a relação entre o estudo da variação linguística, tendo como instrumento os gêneros textuais, com o objetivo comum de conceder ao aluno uma expansão significativa dos conhecimentos linguísticos e desenvolver neste, competências e habilidades necessárias ao domínio da língua portuguesa e o convívio social.

Importante considerar que para o documento da BNCC (BRASIL, 2017) a língua é compreendida como uma prática social com base nos conceitos de Bakhtin e Volochinov(2004). Assim, a língua é vista como interação, marcação identitária e cultural, entendida como um campo de atuação social materializado por meio de textos e atividades voltadas a oralidade, leitura e escrita. Concebida sob essa perspectiva, a concepção de língua como interação propicia as discussões referentes à área de estudo da Sociolinguística e, detidamente, subsidia o estudo das variações linguísticas, o que por vez permite o reconhecimento das variações como um fenômeno inerente à língua, bem como maior foco no processo de ensino-aprendizagem.

O fato da língua ser reconhecida como um sistema de signos específico, histórico e social, permite ao homem significar o mundo e a sociedade. Aprender uma língua e não somente palavras é desenvolver a habilidade de conectá-las em um modelo mais complexo, mas que permite seu aprendizado pragmático e significativo e com base na apropriação da língua desenvolvemos a capacidade mental de entender e interpretar a realidade em sim mesma.

Explicitado a concepção de língua, passamos a entender as discussões e conceitos entabulados em torno de gênero. Brait, (2012, p. 196-7) compreende que: “Cada gênero é capaz de dominar somente determinados aspectos da realidade, ele possui certos princípios de seleção, determinadas formas de visão e de compreensão dessa realidade, certos graus na extensão de sua apreensão e na profundidade de penetração nela”. Essa concepção nos leva a pressupor que quanto maior a variedade de gêneros textuais com os quais o aluno tomar contato e aprender a conhecer e fazer uso, maior também será o seu domínio sobre realidades sociais distintas. Assim, os usos dos gêneros textuais se imbricam com o uso da variedade linguística, uma vez que, para cada gênero, utiliza-se a variedade mais adequada e cada variedade linguística acaba por caracterizar determinado gênero textual. A autora acrescenta que o gênero está para a realidade e que:

Cada um dos gêneros efetivamente essenciais é um complexo sis-

tema de meios e métodos de domínio consciente e de acabamento da realidade. Existe um conceito antigo e, em geral, correto segundo o qual o homem toma consciência e compreende a realidade com a ajuda da língua. De fato, fora da palavra é impossível uma consciência ideológica minimamente clara.

[...] É possível dizer que a consciência humana possui uma série de gêneros interiores que servem para ver e compreender a realidade. Dependendo do meio ideológico, uma consciência é mais rica em gêneros, enquanto outra é mais pobre. (BRAIT, 2012, p. 198)

Nessa perspectiva Brait (2012) diz que o gênero é compreendido como “um conjunto de meios de orientação coletiva na realidade, dirigido para o seu acabamento”. Assim, depreende-se se cada gênero concede ao homem determinado domínio sobre a realidade que o cerca, quanto maior o seu domínio da língua com base nos gêneros, maior também a sua consciência sobre as diversas realidades.

Para Marcuschi (2008), o estudo sobregêneros textuais se tornou moda, dada a quantidade nem sempre relacionada à qualidade) de trabalhos desenvolvidos nos últimos tempos sobre esse tema. A crítica levantada por Marcuschi nos faz pressupor que se os gêneros têm sido algo tão pesquisado, discutido, estudado etc. a ponto de ser considerado “moda”, é porque no estudo dos gêneros textuais alguma relevância e contribuição linguística há. O autor cita Carolyn Miller (MILLER, 1984 *apud* MARCUSCHI, 2008, p. 149-50), que entende gênero como uma “forma de ação social”; uma vez que segundo a autora os gêneros possibilitam reflexões interessantes, como: “Por qual motivo os membros de determinadas comunidades discursivas usam a língua de forma peculiar?”. Tal questionamento nos leva a refletir sobre o uso e funcionamento da própria língua e nos direciona para uma reflexão maior sobre a importância e contribuição que os gêneros textuais exercem na comunicação de comunidades diversas.

Para Marcuschi (2005, p. 150 *apud* Bhatia 1997, p. 629) os gêneros permitem o tratamento de questões intrigantes como: “Por que os membros de comunidades discursivas específicas usam a língua da maneira como fazem?”.

Ainda, segundo o autor, questões como as apontadas vão além de aspectos socioculturais e cognitivos que perfazem as ações comunicativas constituídas de estratégias direcionadas a objetivos específicos. Sobre essa questão Marcuschi (2005, p. 150) afirma: “Todos os gêneros têm uma forma e uma função, bem como um estilo e um conteúdo, mas sua determinação se dá pela função e não pela forma”. Assim, depreende-se

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

que é de acordo com o uso de determinado conteúdo que escolhemos qual gênero textual usar conforme a função exercida pelo gênero textual e não pela forma atribuída.

Na concepção de Marcuschi (2005, p. 151) “o estudo dos gêneros textuais é hoje uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para a linguagem em funcionamento e para atividades culturais e sociais”. As afirmações realizadas pelo teórico nos fazem perceber a proximidade entre o estudo da variação linguística, tendo como instrumentos de ensino e aprendizado dinâmico da língua os gêneros textuais, pois ambos têm como base fundamental a consideração da realidade social, a realidade adequada a que correspondem. Enquanto a variação linguística é determinada por diversos fatores e leva em conta o contexto social no qual é produzida, os gêneros textuais também são construídos para atender uma função específica, assim como a variação é destinada a uma situação determinada. Ambos se servem de seus respectivos contextos, dinamismos e funções. Assim, os gêneros não podem ser compreendidos de outra forma se não os considerarmos como entidades dinâmicas cujos limites de demarcação tornam-se fluidos conforme o ambiente em que acontecem. Sobre a importância e a função social dos gêneros textuais, Marcuschi (2008), considera que:

É impossível não se comunicar verbalmente por um texto. Toda manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero; A comunicação verbal só é possível por algum gênero textual. Quando dominamos um gênero textual, dominamos uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares. (MARCUSCHI 2005, p. 153)

Novamente, as considerações, acima, destacam a preponderância de conexão entre o gênero textual e a realidade social, voltada sempre a atingir determinado objetivo por meio do uso linguístico.

Ainda sobre o presente objeto de discussão “gênero”, Carolyn (1984) e Bronckart (1999) *apud* Marcuschi (2005, 170) entendem que: “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”. Especificamente com base nessa afirmativa, é válido reconhecermos novamente a aproximação entre o fenômeno da variação linguística ter como instrumento de estudo o gênero textual, haja vista ser essencial para que o ser humano desenvolva a capacidade comunicativa de se apropriar dos gêneros que circulam a sua realidade.

Nas linhas seguintes, são feitas algumas considerações pertinentes quanto aos “gêneros textuais” propriamente ditos, reconhecidos como textos que são materializados em situações comunicativas correntes.

Considera-se que as reflexões até o presente momento contribuem para percepção de que o renomado autor reconhece e ratifica de forma interpretativa a necessidade de se ter uma educação linguística direcionada para a formação social do indivíduo. E, mais ainda, destaca que os gêneros textuais não são fruto de invenções individuais, mas sim formas socialmente desenvolvidas de práticas comunicativas da ação linguageira. Para tanto, considera preceitua que “os gêneros são padrões comunicativos socialmente utilizados, que funcionam como uma espécie de modelo comunicativo global que representa um conhecimento social localizado em situações concretas (MARCUSCHI, 2005, 173). Acrescente-se, ainda, os apontamentos de Bazerman, (2006, p. 23), segundo o qual “[...] numa sala de aula, o trabalho de um professor frequentemente serve para definir gêneros e atividades, e fazendo isso, cria oportunidades e expectativas de aprendizagem”. Desse modo, o entendimento dos gêneros e seu funcionamento nos sistemas e nas circunstâncias para as quais foram desenhados servem de subsídio nos construindo enquanto escritores, satisfazendo as necessidades do contexto, tornando esses gêneros compreensíveis e possibilitando aos mesmos corresponderem às expectativas para as quais foram idealizados.

Numa perspectiva “mais ideológica” Bazerman defende que:

Podemos chegar a uma compreensão mais profunda de gêneros se os compreendermos como fenômenos de reconhecimento psicossocial que são parte de processos de atividades socialmente organizadas. Gêneros são tão somente os tipos que as pessoas reconhecem como sendo usados por elas próprias e pelos outros. Gêneros são o que nós acreditamos que eles sejam. Isto é, são fatos sociais sobre os tipos de atos de fala que as pessoas podem realizar e sobre os modos como elas os realizam. Gêneros emergem nos processos sociais em que pessoas tentam compreender umas às outras suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos. BAZERMAN, (2006, p. 31)

Com base nas palavras do autor, depreende-se que dominar um gênero é ter a possibilidade de coordenar atividades sociais e ter a capacidade de atuação social voltados a objetivos reais num determinado contexto social.

A mencionada reflexão é corroborada por Machado, (2005, p. 251) “a apropriação dos gêneros é, portanto, um mecanismo fundamental

de socialização, de possibilidade de inserção prática dos indivíduos nas atividades comunicativas humanas”. Para Bronckart, (1996 a *apud* MACHADO, 2005, p. 251): “os conhecimentos construídos sobre os gêneros estão sempre correlacionados às representações que temos sobre as situações sociais diversas em que atuamos. E é com base nesses conhecimentos que o produtor “adota” um gênero particular que lhe parece ser o mais adequado a determinada situação”. Em síntese o autor esclarece que:

Assim, o ensino de gêneros terá seu sentido assegurado se soubermos claramente o que queremos dizer com isso e se tivermos a perspectiva clara de que, paradoxalmente, é o seu domínio que nos pode permitir deles “escapular”. E chegar, como Clarice Lispector, a querer o “mistério”, o imponderável, espaço em que o sucesso de nossa ação não nos é assegurado de antemão por prescrições pré-construídas, espaço em que as garantias socialmente estabelecidas parecem cessar. E, sobretudo, espaço em que nos instituímos como pessoas. (MACHADO, 2005, p. 259)

Infere-se do pensamento exposto que teremos maior capacidade de utilização adequada dos gêneros textuais na mediada em que tivermos certeza do que queremos expressar, como queremos e para quem desejamos expressar e com que finalidade. Respectivamente, respondendo as interrogações: o quê? Como? Para quem? E para quê?

Por fim, longe de exaurir os conceitos e considerações sobre “gêneros textuais”, mas somente na tentativa de esclarecer de forma inexorável a importância deste tanto para o domínio comunicativo quanto para o estudo da variação linguística, nas linhas que se seguem consideramos o pensamento dos seguintes autores: Miller, Dionísio e Hoffnagel (2012, p. 44), que afirmam: “o que aprendemos quando aprendemos um gênero não é apenas um padrão de formas ou um método para realizar nossos propósitos. Aprendemos, isto é o mais importante, quais propósitos podemos ter [...]; para o estudante, os gêneros servem de chave para entender como participar das ações de uma comunidade”.

5. Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e seus apontamentos quanto à variação linguística

A BNCC (BRASIL, 2017) é reconhecida como sendo um documento que normatiza e determina o conjunto orgânico e progressivo de “aprendizagens essenciais” devidas ao desenvolvimento de todo o aluno ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, para que des-

sa forma sejam resguardados os direitos de aprendizagem e desenvolvimento apregoados pelo Plano Nacional de Educação (PNE).

Em análise detida no item 4.1.1.2. Depreende-se do documento BNCC que: os adolescentes/jovens nos anos finais do Ensino Fundamental participam com maior criticidade de situações comunicativas diversas, interagem com maior número de interlocutores, especificamente no contexto escolar no qual é aumentado o quantitativo de professores por disciplinas, e automaticamente os conhecimentos linguísticos destinados a cada disciplina. Assim, as práticas de linguagem realizadas na escola pelo alunado é bastante extensiva, o que consequentemente exige maior qualificação no uso dos elementos comunicativos.

No que tange à língua portuguesa, o contato dos estudantes com diversos gêneros textuais é significativamente maior e os direciona para novas experiências. Assim, os jovens fazem uso dos conhecimentos linguísticos adquiridos até então e passam a fazer uso de outros gêneros textuais mais ligados a vida pública, ao campo da vida pessoal, a formação cidadã, dentre outros. Nesse sentido, o documento (BRASIL, 2017, p. 138) enfatiza que os conhecimentos sobre a língua, os processos de significação e a produção de significados, além da norma-padrão não devem ser trabalhados de forma dissociada das práticas de linguagem do dia a dia, mas devem corresponder e proporcionar uma reflexão a respeito do funcionamento da língua no contexto de uso.

Destarte, o estudo da variação linguística tendo como instrumento os gêneros textuais possibilitam o acesso ao conhecimento linguístico cotidiano e a construção do pensamento crítico-reflexivo do aluno quanto ao uso e funcionamento da língua nos diversos contextos sociais. Deste modo, a expansão dos conhecimentos e competências linguísticas dos alunos pauta-se na transversalidade da língua portuguesa. Assim, na BNCC (2017) adota-se a perspectiva progressiva de conhecimentos contemplando tanto as regularidades como as irregularidades e dos usos mais usuais aos simples e aos menos habituais e mais complexos.

O quadro ilustrativo da BNCC (2017, p. 140) da língua portuguesa do 6º ao 9º ano é dividido em títulos que organizam os conhecimentos, capacidades, competências e habilidades que se espera adquirir nos anos de escolaridade. Sendo: Práticas de Linguagem; Objetivos de Conhecimento; e Habilidades. De acordo com as informações do documento (*Idem*, p. 158) o conteúdo sobre variação linguística deve ser trabalhado nas práticas de produção de textos, nas relações entre textos e como uma

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

das habilidades a serem adquiridas. Para tanto, o documento apresenta os seguintes gêneros: teatro elaborados a partir da adaptação de romances, contos, mitos, narrativas de enigmas e de aventura, novelas, biografias, crônicas. Tais abordagens são incentivadas tanto nos gêneros orais como no escrito.

Também aparece em “Análise linguística/semiótica” voltadas para a habilidade de reconhecimento das variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito. Além de fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais deve ser usada. Tais informações podem ser constatadas na imagem a seguir do documento BNCC (2017):

Produção de textos	Relação entre textos	
		(EF69LP50) Elaborar texto teatral, a partir da adaptação de romances, contos, mitos, narrativas de enigma e de aventura, novelas, biografias romanceadas, crônicas, dentre outros, indicando as rubricas para caracterização do cenário, do espaço, do tempo; explicitando a caracterização física e psicológica dos personagens e dos seus modos de ação; reconfigurando a inserção do discurso direto e dos tipos de narrador; explicitando as marcas de variação linguística (dialetos, registros e jargões) e retextualizando o tratamento da temática.
Figura 1: BNCC, (2017, p. 158)		

A figura 1 ratifica o aparecimento da variação linguística e os gêneros textuais que estão relacionados no seu tratamento, com base nas práticas de linguagem como a produção textual e relações entre textos.

Tal fato nos possibilita refletir sobre a seguinte questão:

O aprendizado do aluno decorrente das suas experiências com os gêneros textuais e com a variação linguística resulta em significativa ampliação do seu domínio sobre a língua, bem como passa a compreender o funcionamento da língua com base em situações reais.

TODOS OS CAMPOS DE ATUAÇÃO		
Análise linguística/semiótica	Variação linguística	(EF69LP55) reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico. (EF69lp56) fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

Figura 2: BNCC, (2016, p. 160)

Na Figura 2, a variação linguística já não aparece como habilidade, mas sim como “Objeto de conhecimento” do qual deve ser explorado nas práticas de linguagem, por meio da análise linguística e semiótica, de modo que o aluno amplie a sua capacidade de reconhecimento das variedades da língua falada, bem como o conceito de norma-padrão. Além disso, é esperado que o aluno aperfeiçoe a conscientização sobre o preconceito linguístico. Ademais, espera-se com base na BNCC que o alunado tenha habilidade de agir de forma consciente e reflexiva sobre as regras e normas da norma-padrão de acordo com as situações de fala e escrita.

A análise do documento revela que há apenas a determinação sobre quais conteúdos e quais os gêneros textuais devem ser trabalhados do 6º ao 9º, para o ensino da variação linguística. Contudo, não se observa no documento orientações sobre como o professor poderia alcançar os resultados de desenvolver no aluno a habilidade de agir de modo consciente e reflexiva sobre as normas padrão e não padrão. Essa ausência pode ser entendida, talvez, porque tais orientações estejam presentes nos PCNs ou que o próprio professor com base na realidade vivenciada em sala de aula e da necessidade dos alunos construa estratégias para a abordagem da variação linguística, tendo como instrumento os gêneros textuais. Acredita-se que somente por meio de um ensino dinâmico, crítico e reflexivo do agir docente é que obteremos também alunos pensantes quanto ao uso e funcionamento da língua.

Na BNCC, (2017, p. 86) a variação linguística aparece como a quarta competência específica da língua portuguesa a ser desenvolvida. Vale destacar que o objetivo desta competência é o de compreender o fenômeno da variação linguística e demonstrar atitude respeitosa diante das

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

variedades linguísticas e rejeitar os tipos de preconceitos originados deste fenômeno. Contudo, no documento não se verifica a sugestão acerca de qual ou quais os gêneros textuais seriam mais adequados ou que poderiam favorecer o desenvolvimento dessa competência nos alunos.

Acredita-se que essa ausência poderia comprometer a eficácia desse ensino, uma vez que a realidade enfrentada pela maioria dos professores brasileiros, em sala de aula, raramente favorece o professor pensar em estratégias ou formas de se trabalhar adequadamente com a variação linguística. Daí a importância das orientações sobre quais gêneros que podem ser utilizados ou sobre como apresentar e abordar a variação linguística em sala de aula.

Oralidade	Forma de composição de gêneros orais	(EF35LP10) identificar gêneros do discurso oral, utilizados em diferentes situações e contextos comunicativos, e suas características linguísticas-expressivas e composicionais (conversa espontânea, conversa telefônica, entrevistas pessoais, entrevistas no rádio ou na TV, debate, noticiário de rádio, TV, narração de jogos esportivos no rádio e TV, aula, debate etc.).
	Variação linguística	(EF35LP11) ouvir gravações, canções, textos falados em diferentes variedades linguísticas, identificando características regionais, urbanas e rurais da fala e respeitando as diversas variedades linguísticas como características do uso da língua por diferentes grupos regionais ou diferentes culturas locais, rejeitando preconceitos linguísticos.

Figura 3: BNCC, (2017, p. 112)

A variação linguística também aparece na prática de linguagem da oralidade, como conhecimento a ser trabalhado e com base nesse conhe-

cimento espera-se que o aluno adquira a habilidade de ouvir gravações, canções, textos falados em diferentes variedades linguísticas com objetivo de identificar as características regionais urbanas e rurais da fala, bem como aperfeiçoe a habilidade de respeitar a variedade com rejeição do preconceito linguístico.

Ao que se percebe a BNCC (2017) é enfática ao apontar diversas possibilidades de se trabalhar a variação linguística podendo fazer uso diversos gêneros textuais, servindo estes como alternativas de ensino. Resta saber se tais possibilidades, postas no documento, podem ser executadas na prática ou se os inúmeros obstáculos existentes na realidade da educação pública brasileira, tais como: falta de material didático, salas lotadas, falta de apoio da gestão escolar, dentre outros, podem prejudicar ou até mesmo inviabilizar a consecução dos objetivos identificados na BNCC.

Considera-se importante destacar que a BNCC direciona para a continuação do estudo da gramática, bem como ressalta a sua importância, pois é por meio do domínio desta que se tem acesso a determinados “espaços sociais”. Entretanto, enfatiza que esse ensino não deve prevalecer como norma única e plena diante de tantas outras variações linguísticas. Nesse sentido, o ponto enfatizado em todo o documento é o desenvolvimento da habilidade de se combater o preconceito linguístico e respeitar a variedade seja esta regional, local ou outro tipo de variação.

6. Considerações finais

A análise da BNCC (BRASIL, 2017) revelou que o documento continua a tratar da variação linguística, agora de forma mais extensiva, além de dar um enfoque maior para os gêneros textuais como objeto ensino para ampliação dos conhecimentos linguísticos dos alunos, bem como para o desenvolvimento das competências e capacidades essenciais no processo comunicativo.

O tratamento da variação linguística no documento é considerado como um direito de aprendizado do alunado, bem como surge como um dos seis objetivos da Educação Básica. Para tanto, a BNCC aborda o processo de ensino-aprendizagem da variação linguística com base na Sociolinguística, tornando a essa ciência muito visibilidade, o que favorece uma melhor recepção por parte dos professores de Língua portuguesa.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

O documento apresenta de forma exemplificativa, mas, não prescritiva, alguns gêneros que podem ser trabalhados de forma transversal na abordagem da variação linguística, tais como o teatro, contos, mitos, narrativas, novelas, biografias, crônicas. Além destes, a BNCC (2017) enfatiza também a presença dos estudos da variação a partir de atividades de análise linguística e semiótica, direcionadas ao aperfeiçoamento de habilidades, como o reconhecimento da variedade da língua falada, a conceituação da norma-padrão e o reconhecimento e rejeição do preconceito linguístico. Destaca, ainda, que a presença dos estudos da variação linguística aparece nas práticas de linguagem da oralidade e que estas podem ser trabalhadas a fim de desenvolver outras habilidades tendo como instrumento outros gêneros textuais como gravações, canções, textos falados, dentre outros.

Por fim, as análises descritivas e interpretativas permitiram perceber e asseverar que há significativa relação entre “gêneros textuais” e “variação linguística”, e que o conhecimento consolidado de ambos pode proporcionar aos discentes um avanço na apropriação e expansão das ações comunicativas.

Portanto, entender os gêneros textuais como objeto para a abordagem da variação linguística é ter consciência acerca de nossa forma de ver e entender o mundo social, bem como a realidade em que atuamos. E, apesar do documento não prescrever como devem ser trabalhados os gêneros e a variação, de forma conjunta, este nos aponta a necessidade de se produzirem estudos que apresentem sugestões e ou alternativas aos professores sobre como aplicar e desenvolver de modo eficiente estes conteúdos em sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIN, Tânia. M. Sociolinguística. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna. C. *Introdução à linguística*. V. 1, 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ALKMIN, Tânia. M. Sociolinguística Parte I. In: MUSSALIM, F. BENTES, A.C. (Org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 21-47

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso*. Por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. *Preconceito Linguístico*. O que é como se faz. 50. ed. Rio de Janeiro: Loyola, 2008. p. 207

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004.

BAZERMAN, Charles; DIONISIO, Paiva Angela; HOFFNAGEL, Judith Chambliss (Orgs). *Gêneros Textuais, tipificação e interação*. In: *I – Ato de fala, Gêneros Textuais e Sistemas de Atividades: Como os textos organizam atividades e pessoas*. 2. ed. – São Paulo: Cortez, 2006. p. 19-46.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: parábola, 2004.

_____. *educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. (1945). *Nós chegemu na escola, e agora?: Sociolinguística & Educação*. São Paulo: parábola, 2005.

_____. *contribuições da sociolinguística educacional para o processo de ensino e aprendizagem da linguagem*. Disponível em: < <http://www.stellabortoni.com.br/index.php/artigos/707-iootaibuicois-ia-soiolioguis-tiia-iiuiaiiioal-paaa-o-paoiisso-iosioo-i-apaioizagam-ia-lioguagim>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2019.

_____. *Sociolinguística Educacional*. Disponível em: < <http://www.stellabortoni.com.br/index.php/artigos/901-titulo-soiolioguis-tiia-iiuiaiiioal>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2019.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNC_C_20dez_site.pdf. Acesso em: 25 de novembro de 2019.

BRONCKART. Os Gêneros de textos e os tipos de discurso como formatos das interações propiciadoras de desenvolvimento. In: _____ (2006). *Atividade da linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Organização Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2006. p. 121-60

DOLZ, CAGNON E DECÂNIO. Uma disciplina emergente: a didática das línguas. In: NASCIMENTO, Elvira Lopes. *Gêneros textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino*. 2. ed. Campinas-SP: Pontes, 2014. p. 21-50

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Editora Contexto. *O que é Sociolinguística*. Disponível em: <https://www.editoracontexto.com.br/blog/o-que-e-sociolinguistica/>. Acesso em 18 de fevereiro de 2019.

GOMES, C. A.; SOUZA, Claudia N. R. de. Variáveis fonológicas. In MOLLICA, Maria C.; BRAGA, Maria Luiza (Orgs). *Introdução à sociolinguística*. O tratamento da variação. São Paulo: contexto, 2003.

LABOV, William. *Modelos Sociolingüísticos*. Madrid: ediciones Cátedra. 1983. Tradución de José Miguel Herreras.

MACHADO. A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart. In: MEURER *et al.* (2005). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. P. 237-59

MARCUSCHI, Luiz Antônio, 1946. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008. 296 p.

MILLER, Carolyn R. DIONISIO, Paiva Angela e HOFFNAGEL, Judith. Cap. 2 Comunidade Retórica: a base cultural dos gêneros. In: DIONISIO, Angela Paiva; HOFFNAGEL, Judith Chambliss (Orgs). *Gênero textual, agência e tecnologia: estudos*. Trad. de textos para o português Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MILLER. Gênero como ação social In: MILLER. *Gênero Textual, agência e Tecnologia*. p. 21-55

MOLLICA, M. Cecília (Org.). Introdução à Sociolingüística Variacionista. In: *Cadernos didáticos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

MOLLICA, Maria Cecília. BRAGA, Maria Luiza (Org). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

ROXANE, Rojo. A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCN's. In: *Cap 2 – PCN's, Gêneros e Ensino de Língua: Faces Discursivas da Textualidade*. Beth Brait. São Paulo: EDUC: Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000. p. 15-25

ROJO, Roxane. *Cap. 9 – Gêneros do Discurso e Gêneros Textuais: Questões Teóricas e Aplicadas*. In: *Gêneros: teorias, métodos, debates*. J. L. Meurer, Adair Bonini, Désirée Motta-Roth, Organizadores. – São Paulo: Parábola, 2005. p. 184-207

SANTOS, M. B.; CAVACANTE, M. A da Silva. Contribuição da Teoria da Variação Linguística ao ensino de Língua Portuguesa. In: MOURA,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

M. D; MORAIS, G. (Org.). *Ler e escrever para quê?*. Maceió: EDUFAL: FAPEAL, 2000.